

Representações antirracistas: estudo da construção cultural das representações sociais objetificadas, sexistas e racializadas da mulher negra a partir da obra *Kindred – Laços de Sangue*, de Octavia Butler

Autora principal: Marcia da Silva Santos Rosa, mestranda em Educação pelo PPGEDU-ULBRA, e-mail: marciasilvarosadoriedson@gmail.com

Orientador: Moyses da Fontoura Pinto Neto, Doutor em Filosofia pela PUC-RS, e-mail: moyses.neto@ulbra.br

Introdução

Vivemos em uma sociedade patriarcal, sexista, misógina, além de profundamente racista, por isso, a necessidade de pesquisar em que medida a mulher negra é objetificada e racializada, sobretudo a partir de interpretações que lhe impõem determinados papéis culturais, fixados a pretexto da cor de sua pele e de sua ancestralidade negra, como se isso definisse sua pretensa negatividade e seu desvalor. Diante disso, a obra de Octavia Butler não só pode ser usada como artefato cultural de natureza literária, mas, também, por seu explícito caráter educativo e antirracista. Porém, não só para lembrar dores e sofrimentos que o racismo impôs às mulheres negras, mas, principalmente como mecanismo de revalorização e (re)sensibilização do que a ancestralidade negra feminina nos legou culturalmente. E é exatamente nesse sentido, considerando as formas como o racismo e o sexismo atuam, conjuntamente, na contemporaneidade, que as representações antirracistas devem ser pensadas. Além disso, sem negar que *Kindred* é uma obra ficcional especulativa, o enredo de Butler é um exemplo literário mais do apropriado para explorar como, apesar da abolição da escravidão, os seus mecanismos ainda preservam força cultural para atuar como pano de fundo onde se desenvolvem relações intersubjetivas opressivas, sustentadas por preconceitos, discriminações e segregações, tentando impor representações identitárias que agridem, sobretudo, a feminilidade negra.

Objetivos

O objetivo principal desta pesquisa é analisar criticamente como, em *Kindred*, se produz uma crítica da representação da mulher negra a partir de sua construção cultural como objeto, enquanto, também, é vítima de racismo e sexismo, segundo uma concepção antirracista e educacional. Além disso, pretende-se analisar *Kindred* como um instrumento educativo, assim como, compreender as diversas representações culturais que descrevem o feminino, criando identidades possíveis culturalmente.

Metodologia

Em se tratando desta pesquisa, a metodologia utilizada foi a bibliográfica de teor qualitativo – com foco em uma análise cultural –, que é uma abordagem de pesquisa que se foca em um tipo de análise mais aprofundada na interpretação de fontes bibliográficas, tais como: livros, artigos, teses e outros documentos escritos, na tentativa de compreender e descrever fenômenos, teorias, conceitos ou problemas de forma qualitativa. Assim sendo, nesse processo metodológico os pesquisadores exploram o conteúdo textual, identificando padrões, categorizando informações e buscam insights mais profundos sobre o tema de estudo.

Resultados

Como resultado da pesquisa, dentre outras coisas, é possível observar que a mulher negra, na atualidade, principalmente em países nos quais o domínio político, social e cultural pertence às elites brancas, sofre violências, em diversos sentidos e aspectos, por ser relegada a um tipo de “espaço vazio”, sobreposto às margens das concepções e imagens de raça e gênero, no “terceiro espaço”, por ser um lugar nenhum: o lugar da indiferença, da invisibilidade, do não valor. Por isso, esse lugar não representa reconhecimento algum, privilégio social, valorização, mas, uma tentativa de gerar lugares de acomodação, resignação e indiferença em relação, inclusive, a própria condição social da mulher negra. Contudo, essa mulher negra, a quem se nega destaque cultural, histórico, social, que sobrevive apesar das interseccionalidades opressivas que os sistemas de poder a submetem, a partir das concepções de raça, classe e gênero, por exemplo, acaba se transformando em um dos subprodutos do que hooks chama de “educação sexista”: “Para construir um movimento feminista politizado, de massa, as mulheres precisam se esforçar mais para superar a alienação que existe entre elas mesmas e se livrar dos grilhões da educação sexista [...]” (hooks, 2019b, p. 94). Nesse sentido, uma educação antirracista, fundamentalmente, é também um mover-se feminista contra toda e qualquer forma de sexismo, ainda que seja negro. Só assim, superado esse modelo condicionador, a mulher negra poderá ser elevada, por merecimento e determinação, ao lugar de destaque que lhe cabe culturalmente.

Conclusão

Essa pesquisa demonstrou a importância de compreender que o racismo, assim como seus múltiplos mecanismos, apesar da criação e instituição de diversos aparatos de natureza jurídica, ainda é uma realidade, aterradora e opressiva, especialmente na vida de mulheres negras.

Referências

- BUTLER, Octavia. Despertar. In: Xenogênese vol. 1. São Paulo: Morro Branco, 2018.
- BUTLER, Octavia. Octavia Butler interview - transcending barriers. Youtube, 22 de jun. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KG68v0RGHsY>>. Acesso em 02 nov. 2022.
- BUTLER, Octavia. Filhos de sangue e outras histórias. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.
- BUTLER, Octavia. Black women and the science fiction genre. *The Black Scholar*, São Francisco, v. 17, n. 2, p. 14-18, mar. 1986.
- BUTLER, Octavia E. *Kindred: laços de sangue*. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.
- COLLINS, Patrícia Hill; SIRMA, Bilge. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2020.
- DAVIS, Angela. *Mulher, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1968.